



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**O DISCURSO DE PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E O ENSINO
DE LÍNGUA PORTUGUESA:
OS GÊNEROS PUBLICIDADE E PROPAGANDA NA SALA DE AULA**

PRISCILA DA SILVA SANTANA RODRIGUES

CAMPINA GRANDE – PB

2014

PRISCILA DA SILVA SANTANA RODRIGUES

**O DISCURSO DE PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E O ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA:
OS GÊNEROS PUBLICIDADE E PROPAGANDA NA SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Coordenação do Curso de Letras –
Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da
Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título
de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R696d Rodrigues, Priscila da Silva Santana.

O discurso de preservação do meio ambiente e o ensino de língua portuguesa [manuscrito] : os gêneros publicidade e propaganda na sala de aula. / Priscila da Silva Santana Rodrigues. - 2014.

53 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Manassés Morais Xavier, Departamento de Letras".

1. Análise do Discurso. 2. Língua Portuguesa. 3. Ensino Médio. 4. Meio Ambiente. I. Título.

21. ed. CDD 401.41

O DISCURSO DE PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E O ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA:
OS GÊNEROS PUBLICIDADE E PROPAGANDA NA SALA DE AULA

PRISCILA DA SILVA SANTANA RODRIGUES

BANCA EXAMINADORA

Manassés Moraes Xavier NOTA: 10,0
Prof. Ms. Manassés Moraes Xavier (UFCG)
Orientador

Cléia Gurjão Carneiro NOTA: 10,0
Prof. Ms. Cléia Gurjão Carneiro (UEPB)
Examinadora

Roberta Soares Paiva NOTA: 10,0
Prof. Ms. Roberta Soares Paiva (UEPB)
Examinadora

Trabalho aprovado em: 19 de fevereiro de 2014

Média: 10,0

A minha família que desde o início me incentivou, acreditando no tempo que Deus preparou em minha vida me fazendo chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu força e coragem para enfrentar os desafios e vencer os obstáculos;

A minha mãe Waldelice Pinho, que nunca me deixou desistir nem tão pouco desanimar: mãe, muito obrigada, te amo!;

Aos meus irmãos Tarcisio e Taisa Santana, que sempre estiveram ao meu lado, nos momentos mais difíceis;

A minha vovó Zenade Pinho da Silva, que deixou um legado de integridade, fé, amor e perseverança que nunca será esquecido;

A todos meus companheiros, coordenadora Magliana Rodrigues e supervisora Diana Nunes e amigos do PIBID, especialmente do projeto Clic, Gabriela Santana e Flávia Kellyanne que crescemos juntos avançando na carreira acadêmica;

A todos meus professores, que dedicam sua vida generosamente compartilhando seus conhecimentos conosco. Muito Obrigada!;

Ao meu orientador Manassés Morais Xavier, que acreditou no meu potencial e pela sua atenção e dedicação na produção deste trabalho. Muito Obrigada!;

Ao meu líder espiritual pastor e mestre Carrumbert Guimarães, que no momento que decidi me dedicar à carreira acadêmica me estimulou prontamente;

As professoras Roberta Soares Paiva e a Cléa Gurjão, por tão gentilmente terem aceitado o convite de participarem da banca examinadora.

A todos meus amigos de longe e de perto, que de alguma forma participaram/contribuíram nessa caminhada acadêmica. Muito Obrigada!

As palavras não significam em si. Elas significam porque têm textualidade, ou seja, porque sua interpretação deriva de um discurso que as sustenta que as provê de realidade significativa. E sua disposição em texto faz parte dessa sua realidade.
(ORLANDI, 2008)

RESUMO

Os diferentes gêneros que se configuram na atualidade possibilitam uma nova forma de discursivizar no tempo, na história e na sociedade. E a ideologia que se materializa nesse discurso não pode ser abafada, nem tão pouco não considerada. Nesse sentido, ancorado nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa Pêcheux (2009), Orlandi (2008), dentre outros. O presente trabalho se refere a uma pesquisa-ação realizada em outubro de 2013 com uma turma de 3º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Raul Córdula, localizada na cidade de Campina Grande\PB. Os objetivos podem ser elencados da seguinte maneira: GERAL – estabelecer a interação entre Análise do Discurso de linha francesa e o ensino de Língua Portuguesa; e ESPECÍFICOS – a) apresentar as características linguístico-discursivas dos gêneros anúncio publicitário, b) elaborar e desenvolver uma sequência didática que envolva a utilização desses gêneros com temática ambiental no Ensino Médio e c) refletir sobre a formação de professores, inicial e/ou continuada, de Língua Portuguesa no contexto da formação de sujeitos alunos críticos e reflexivos. Diante disso, Como nossas aulas de Língua Portuguesa podem contribuir para análise de gêneros discursivos de cunho ambiental ao ponto de provocar uma postura de preservação? Em se tratando de resultados, que mais nos surpreendeu foi ver em meio a muitas perguntas e respostas a conscientização e a posturas para com a preservação do meio ambiente que foram expostas pelos alunos, ao ponto de ouvir de uma aluna que confessou jogar lixo no chão, latas pela janela do ônibus e dizer que não irá fazer mais isso. Concluímos que a educação é transformadora e emancipadora da raça humana: eis o maior contributo de uma pesquisa-ação.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Leitura. Propaganda. Publicidade.

ABSTRACT

The different genres that are configured today enable a new way of discursivizar in time, in history and in society. And the ideology that is embodied in that speech can not be stifled, not considered. In this sense, grounded on the theoretical assumptions of Analysis of French Discourse Pechêux (2009), Orlandi (2008), among others, this paper refers to an action research conducted in October 2013 with a class of 3rd year State School of Elementary and Secondary Education Raul Córdula, located in the city of Campina Grande - PB. The objectives listed are as follows: GENERAL - establish interaction between Discourse Analysis of French line and teaching Portuguese, and SPECIFIC - a) present the linguistic and discursive features of genres advertising, b) prepare and develop a teaching sequence involving the use of these genres with environmental issues in high school and c) reflect on teacher training, initial and/or continued Portuguese Language in the training are subject critical and reflective learners. As our Portuguese Language classes can contribute to the analysis of discursive genres of environmental nature to the point of causing an attitude of preservation? In terms of results, which surprised us most was to see amid many questions and answers awareness and attitudes towards the preservation of the environment that were exposed by the students, to the point of listening to a student who confessed to litter, cans through the bus window and say they will not do it anymore. We conclude that education is transformative and liberating the human race: that the greatest contribution of action research.

Keywords: Discourse Analysis. Reading. Advertising. Advertising.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 - O que é discurso para os alunos.....	31
GRÁFICO 02 - Reconhecimento das funções da linguagem pelos alunos.....	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - UM OLHAR TEÓRICO SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	13
1.1 Situando brevemente a questão da leitura na AD	13
1.2 Sentido(s): a (re)/(des)construção dialética entre estrutura e acontecimento.....	14
1.3 Os gêneros propaganda e publicitário	15
1.4 A função da linguagem na publicidade.....	17
1.5 Reflexões sobre o ensino do gênero no nível médio	18
1.6 Língua materna no âmbito escolar	19
1.7 Leitura e produção de texto	20
CAPÍTULO II - A PESQUISA-AÇÃO EM FOCO: DAS QUESTÕES METODOLÓGICAS AO RELATO DA EXPERIÊNCIA	22
2.1 A importância da noção de sequência didática para o ensino de Língua Portuguesa.....	22
2.2 Proposta de uma sequência didática: AD da publicidade e da propaganda de cunho ambiental e a função estética da linguagem.....	24
2.3 Das questões metodológicas	27
2.4 O relato de experiência das aulas	30
2.5 O PIBID: espaço diferencial na formação do professor	34
2.5.1 Projeto CLIC: cultura, literatura e criatividade: do erudito ao popular	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS	43

INTRODUÇÃO

Analisar o discurso compromete uma relação da exterioridade da língua, implica interpretar sujeitos falando e principalmente tendo a produção de sentidos como referência nas atividades sociais. O sujeito da contemporaneidade está sendo imerso em um patamar onde suas produções de sentido não poderão ser superficiais, mas críticas, ricas e complexas, pois a cada momento sua forma de interação no mundo e como ser social se diversificam e ampliam.

Os diferentes gêneros que se configuram na atualidade possibilitam uma nova forma de discursivizar no tempo, na história e na sociedade. E a ideologia que se materializa nesse discurso não pode ser abafada, nem tão pouco não considerada.

Podemos nos perguntar: a leitura que temos feito dos anúncios publicitários e das propagandas de cunho ambiental tem contribuído para uma conscientização ou provocar uma prática social consciente? Será que somente nos enredam em suas funções estéticas da linguagem que se tornam perspicazes ao nos prenderem com suas cores diversas, emoção, apelo e por que não humor? Ou será que mesmo entendendo a função do anúncio publicitário de persuadir para compra de um produto ou no caso da propaganda de influenciar para associação a um partido, corporação ou empresa ficamos limitados? Será que conseguiremos ultrapassar esses limites e assumir uma postura de ação e prática através da leitura dessas linguagens, tendo em vista que muitos dos discursos publicitários e propagandas ressaltam a valorização e preservação do meio ambiente, que se trata de um bem essencial à vida e comum a todos? E se levarmos para a sala de aula de Língua Portuguesa tais indagações qual o impacto para formação de leitores críticos de discursos? São questões que pretendemos desenvolvê-las ao longo deste trabalho.

Como as nossas aulas de língua portuguesa podem contribuir para uma leitura crítica de gêneros tendo em vista uma postura prática oriunda do cotidiano de nossos alunos, já que em nossa cidade é comprovado pela Secretaria de Serviços Urbanos o *déficit* de 700 mil árvores e a necessidade para gerações futuras, conforme site www.portalcodisma.com.br. Nessa perspectiva, nos questionamos como alunos do ensino médio estão analisando o discurso de propagandas e anúncios publicitários de cunho ambiental ao ponto de construir um modo de vida ecologicamente adequado e de preservação do meio ambiente?

É importante ressaltar que o foco da nossa pesquisa é promover através da análise desses discursos no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa a leitura desses gêneros

(anúncios publicitários e propagandas) ao ponto de construir, pela formação, a uma postura consciente.

Para alcançarmos o objetivo proposto desta pesquisa tomamos como *corpus* de análise propagandas e anúncios publicitários, propondo a análise das diferenças dos seus discursos e das suas funções estéticas da linguagem. Para isso, elaboramos e desenvolvemos uma sequência didática, fomentados por entendermos que a construção do senso crítico-reflexivo do aluno, através do discurso, se define fundamentalmente por novas maneiras de ler, colocando o dito em relação ao não dito, ao dito em outro lugar, problematizando as leituras de arquivo, expondo o olhar leitor à opacidade do texto, como afirma (ORLANDI, 2008). Diante disso, almejamos com os relatos desta pesquisa-ação indicar a necessidade de promover interpretação do discurso de propagandas e anúncios publicitários através de indagações que possibilitem um modo de vida que preserve o meio ambiente.

Ações docentes dessa natureza se justificam por estimular, no contexto do ensino de língua materna, discussões, reflexões, provocarem questionamentos e atitudes práticas que despertem para o nosso papel social e de um leitor proficiente do discurso publicitário ou propagandas de cunho ambiental.

Esta pesquisa-ação promove a análise discursiva de propagandas e anúncios publicitários de cunho ambiental. Desse modo visa contribuir e motivar o ensino de língua materna, agregado á uma reflexão do mundo que cerca o aluno, e evidencia a função daquilo que está aprendendo; permitindo pensar e questionar gêneros discursivos, e paradoxos que se apresentam para uma real preocupação com o meio ambiente.

Do ponto de vista metodológico, o presente trabalho se refere a uma pesquisa-ação realizada em outubro de 2013 com uma turma de 3º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Raul Córdula, localizada na cidade de Campina Grande – PB. Os objetivos podem ser elencados da seguinte maneira: GERAL – estabelecer a interação entre Análise do Discurso de linha francesa e o ensino de Língua Portuguesa; e ESPECÍFICOS – a) apresentar as características linguístico-discursivas dos gêneros anúncio publicitário, b) elaborar e desenvolver uma sequência didática que envolva a utilização desses gêneros com temática ambiental no Ensino Médio e c) refletir sobre a formação de professores, inicial e/ou continuada, de Língua Portuguesa no contexto da formação de sujeitos alunos críticos e reflexivos.

Em se tratando da organização da presente monografia podemos dividi-la em quatro momentos pontuais: esta introdução, um capítulo em que se discutem conceitos da Análise do Discurso de linha francesa e o ensino contemporâneo de Língua Portuguesa, outro capítulo que trata das questões metodológicas da pesquisa-ação desenvolvida e as considerações finais.

A seguir apresentamos a discussão do Capítulo I – Um olhar teórico sobre Análise do Discurso de linha francesa e ensino de Língua Portuguesa.

CAPÍTULO I

UM OLHAR TEÓRICO SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Segundo Fernandes (2008), discurso implica a uma exterioridade a língua. Encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística, mas também aspectos sociais e ideológicos que estão ligados nas palavras quando são pronunciadas, que se configuram em diferentes situações do dia-a-dia e que se alternam/alteram de acordo com a posição do sujeito acerca de um tema, situações e lugares socioideológicos.

A linguagem é a forma material de expressão desses lugares socioideológicos, ficando claro que discurso não é língua (gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real. Integrante da noção de discurso encontra-se a noção de sentido compreendida como efeito de sentidos entre sujeitos, se manifestando por meio do uso da linguagem.

Nessas condições, o discurso está centrado em considerar os elementos que estão no social, às ideologias, a história. Com isso, nos evidencia que os discursos não são fixos nem tão pouco estáveis, mas estão sempre acompanhando as transformações históricas, políticas e sociais, ou seja, fazendo parte da construção da vida humana, construindo reflexões que permitem afirmar que a língua se insere na história (também a construindo para produzir sentidos). Como afirma Fernandes (2008), o estudo do discurso toma a língua materializada em forma de texto, forma linguística – histórica, tendo o discurso como objeto.

Para Orlandi (2008, p. 86), “as palavras não significam em si. Elas significam porque têm textualidade, ou seja, porque sua interpretação deriva de um discurso que as sustenta que as provê de realidade significativa. E sua disposição em texto faz parte dessa sua realidade” – citação que inclusive representa a epígrafe deste trabalho.

1.1 Situando brevemente a questão da leitura na AD

As reflexões sobre leitura, arroladas por diversos estudiosos da Análise do Discurso de linha francesa, tais como Louis Althusser, Régine Robin e Michel Pêcheux, buscam resposta à questão de como ler.

No campo da AD, a leitura não se limita à ação superficial de ler um texto como um objeto acabado, sem relação com as suas condições de produção. Pensando assim, Oliveira (2005, p. 40) explicita que

para a AD, a leitura não se restringe a ação mecânica de ler um texto como um objeto acabado, pronto, desvinculado de suas condições de produção. A leitura é antes um processo social e histórico realizado por sujeitos ocupantes de posições sociais, ideológicas e historicamente determinadas (autor/leitor), mediado pelo texto, concebido discursivamente, isto é, submetido à sua exterioridade, às suas condições de produção.

Diante desse raciocínio entendemos que a leitura caracteriza-se como um processo social e histórico realizado por sujeitos (nesse caso, autor e leitor), os quais têm a função de não só atribuir sentidos ao que leu, mas de entender o processo de significações do texto: o que se diz, como se diz e para quem se diz. A leitura, como assegura Oliveira (2005), é vista como uma busca de apropriação de sentido, de produção de significados, em que sua determinação estará, sem dúvida, atrelada aos seus actantes: autor, leitor e texto.

Segundo Possenti (2001, p. 20-21), há duas grandes vertentes nas quais a AD situa a questão da leitura. A primeira vertente investiga o dispositivo social de circulação dos textos, sem maior preocupação com a questão do sentido. Para esta vertente o foco recai sobre quais textos circulam em quais espaços, em quais épocas e por quais motivos e o que seria bom, ou não, ler.

A segunda vertente, por sua vez, privilegia o sentido, isto é, suas questões estão relacionadas com a significação do texto e não com a sua circulação, exceto quando a circulação afeta a sua significação. E tendo em vista essas vertentes, passemos a analisar os títulos das matérias selecionadas acima.

1.2 Sentido(s): a (re)/(des)construção dialética entre estrutura e acontecimento

Nesse momento, faremos uma abordagem discursiva da questão do *sentido* nos títulos das matérias selecionadas. A luz de Pêcheux (2009), questionamos o que é dito a fim de “entender” a presença dos não-ditos no interior do que é dito. Assim, buscamos compreender como, entre vários sentidos, um (ou mais) se torna o dominante. Para Hanauer (1999), por exemplo, não é possível pensar o sentido sem levar em conta suas condições de produção, pois são justamente essas condições de produção que dão movências aos sentidos.

É bom ressaltar que os deslocamentos dos sentidos nos gêneros discursivos evidenciam que os discursos dos sujeitos se efetuam pela sua identificação à formação discursiva que o domina, isto, é, na qual ele é constituído como sujeito. Assim, o que foi dito em cada enunciado só podia ser dito daquela forma porque estava envolto em determinadas posições ideológicas que regulam os dizeres.

Desse modo, o campo discursivo é, literalmente, interdito por situações históricas que marcam e demarcam a ordem do possível, do cerceado em termos do uso e do funcionamento de materialidades discursivas em qualquer contexto de ação social de linguagem.

Entender o discurso pelo processo da discursividade abrange esta tentativa possível de realizar estas redes de sentidos entre o real da língua e suas interdições historicamente situadas. Nestes termos, chamamos as oportunas palavras de Pêcheux (2009), para quem

todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho [...] de deslocamento no seu espaço (PÊCHEUX, 2009, p. 56).

Dessa forma, o desafio dos estudos de Pêcheux está no entrecruzamento de três caminhos: o do acontecimento, o da estrutura e o da tensão entre descrição e interpretação. Sua reflexão recai na materialidade da linguagem e da história, conceituando a linguagem como um sistema sujeito a ambiguidades, definindo a discursividade como a interação entre os efeitos materiais da língua na história.

1.3 Os gêneros propaganda e publicitário

O conteúdo publicitário e/ou propagandista carrega a capacidade de provocar no leitor sentimentos como emoção, humor, mistério, curiosidade e aguçar a imaginação, mas só pode ser percebido se a informação for compreendida plenamente. Atualmente, a linguagem desses gêneros está sendo vinculada como uma forma de inclusão do indivíduo que nessa sociedade consumista, enxerga na propaganda ou publicidade uma ponte entre o consumir e suas escolhas. Os anúncios propiciam a sensação de conquista da felicidade ao adquirir bens, proporcionando bem-estar e também *status*, transformando esse objeto como necessidade humana e não como um bem de consumo.

O gênero propaganda e/ou publicidade é composto por palavras, imagens, cores, atores que têm grande influência na sociedade, são populares e "arrastam" a massa. Tudo isso integra um conjunto de fatores que contextualizam, se unindo para transmitir de forma singular a informação. Santa'anna (2006, p. 75) identifica diferenças entre publicidade e propaganda e define publicidade como ato de vulgarizar, de tornar público com o fim comercial (do latim *publicus*) e propaganda "deriva de *pangare* que quer dizer enterrar, mergulhar, plantar. Seria então a propagação de doutrinas religiosas ou princípios políticos de algum partido".

Mas, qual é o objetivo da propaganda? Devemos pensar! No seu objetivo primário é propagar, em outras palavras, divulgar uma ideia e no caso da publicidade divulgar seu produto. De maneira mais específica, a publicidade tem o foco de persuadir ao ponto de convencer a comprar, fazer algo, ou desistir, sem contestar. Você pode ficar tão convicto sobre um assunto que mesmo sem ter resposta ou até saiba dizer o porquê, aceite aquela informação, e não conseguir argumentar o contrário. Esse é o poder e objetivo da publicidade. Será que a propaganda ou a publicidade somente vai/vão conseguir convencer certo público que tenha as mesmas características, faixa etária, sexo e cultura? Para Bakhtin (1997, p. 321), todo "gênero é um conjunto de enunciados mais ou menos marcados pela especificidade de um contexto de enunciação, onde dada atividade humana recorrente está em andamento em um contexto de cultura".

Esse conjunto de enunciados é marcado também pela "esfera de utilização da língua", pelo objetivo comunicativo, pelo conteúdo explorado. Vestergaard e Schroder (2004, p. 24) dizem que a linguagem possui diversas funções dentro na comunicação: "empregamos a linguagem para expressar nossas emoções, para informar os leitores de fatos por eles desconhecidos, para influenciar atos e pensamentos dos outros", entre outras funções, a partir da noção que o texto é construído através de um processo, que reúne vários tipos de conhecimentos, por exemplo, o enciclopédico, ou de mundo, conhecimento linguístico, interacional, ilocucional, episódico, dentre outros, fazendo que através desta unificação torne um leitor autônomo e protagonista, nessa relação dialógica, onde a propaganda seja reconhecida e suas habilidades, mas também o leitor seja proficiente.

Todas essas ferramentas são usadas de forma delicada para que trabalhe com o psicológico do indivíduo e suas inquietações. Para Carvalho (2002), a publicidade, bem como a propaganda, reflete nas mudanças comportamentais e no modo de pensar dos usuários/ouvintes, como também ela pode refletir costumes e valores sociais do público, isso quando as informações oferecem aquilo que o público gosta e espera ouvir.

1.4 A função da linguagem na publicidade

Gade (1980, p. 160) afirma que “é através da linguagem que o homem comunica seus sentimentos, pensamentos, sua experiência e seu conhecimento”. De acordo com Aldrighi (1985), a linguagem publicitária é tão complexa e rica de instrumentos que penetram no raciocínio e se expressa em diferentes segmentos que a atividade humana pode compreender e atuar. Entendemos que a linguagem está empregada em nosso dia a dia dentro das interações humanas e compreendendo a função da linguagem poderemos ter alunos críticos e reflexivos que interagem na sociedade, executando seu papel social de forma consciente e ativa. O educador precisa entender que sua função será de fato exercida, quando o mesmo une teoria, com práticas metodológicas.

Gracioso (2002, p. 85) menciona que “todas as formas de comunicação dirigida a alvos específicos e bem delimitados [...] podem ser mais objetivos, usando argumentos sob medida para persuadir o cliente em perspectiva”. Na publicidade, a forma com a qual se utiliza a linguagem fará toda diferença para o alcance do público alvo, e o estudante, quando se torna um leitor proficiente de gêneros que circulam no seu cotidiano atrelado, pode identificar os efeitos de sentido que as publicidades exercem quando postas em circulação. Logo, o gênero publicitário pode ser ferramenta no processo de ensino-aprendizado, pois promove o ensino enunciativo da língua, proporcionando ao estudante um domínio ativo de práticas sociais de linguagem.

A linguagem possui diferentes funções. Nós a usamos de acordo com vários objetivos: dar uma informação, expressar nossa emoção, convencer alguém sobre algo. Dificilmente dizemos que um ato comunicativo tem apenas um objetivo; muitas vezes propagamos - ao mesmo tempo - a nossa opinião e a nossa emoção. E queremos que nosso interlocutor se comova com nosso estado emocional e se convença de que nossa opinião é respeitável. Essas funções não são exploradas isoladamente. De modo geral, ocorre a superposição de várias delas.

Nesse sentido, o estudo das funções estéticas da linguagem pode ser desenvolvido a partir dos princípios da textualidade que serão apresentados neste trabalho como ferramentas para a produção de sentido no texto e que são: a contextualização - a coesão, a coerência - e os cinco fatores pragmáticos - intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade e intertextualidade.

Ao elaborar qualquer tipo de texto, seja ele literário ou não, devem-se destacar os principais elementos que o autor utilizará para a construção de ideias e assim elaborar as informações necessárias para a compreensão do interlocutor.

A produção de sentido no texto está inteiramente ligada à leitura e compreensão. Segundo Marcuschi (2008, p. 102), “a produção textual não é uma simples atividade de codificação e a leitura não é um processo de mera decodificação”. Logo, o que se pode concluir desta afirmativa é que tanto o processo de criação de texto quanto à leitura – sua circulação – são procedimentos que requerem saberes prévios acerca dos conteúdos e sua exploração implica compreender os significados e a finalidade do texto.

1.5 Reflexões sobre o ensino do gênero no nível médio

De acordo com as Orientações Curriculares do Ensino Médio – OCEM (BRASIL, 2006, p. 29),

O que se defende, portanto, é a absoluta necessidade de se avocar e levar adiante o desafio de criar condições para que os alunos construam sua autonomia nas sociedades contemporâneas – tecnologicamente complexas e globalizadas – sem que, para isso, é claro, se vejam apartados da cultura e das demandas de suas comunidades. Isso significa dizer que a escola que se pretende efetivamente inclusiva e aberta à diversidade não pode ater-se ao letramento da letra, mas deve, isso sim, abrir-se para os múltiplos letramentos, que, envolvendo uma enorme variação de mídias, constroem-se de forma multissemiótica e híbrida – por exemplo, nos hipertextos na imprensa ou na internet, por vídeos e filmes etc. Reitera-se que essa postura é condição para confrontar o aluno com práticas de linguagem que o levem a formar-se para o mundo do trabalho e para a cidadania com respeito pelas diferenças no modo de agir e de fazer sentido.

O ensino de gênero se concretiza dentro da sala de aula, permanecendo apenas no âmbito escolar, não parte para a vida cotidiana dos alunos por não estar contextualizado. Lopes-Rossi (2005) mostra que cabe ao professor criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos nas mais variadas situações de comunicação. Assim, o real objetivo do ensino de gênero nas escolas é para fazer com que os alunos aprendam a dominá-lo, ou seja, conhecê-lo, aprendê-lo, compreendê-lo, produzi-lo, além de encontrar similaridade e distanciamento entre os gêneros. Desse modo, tornando a escola uma instituição de comunicação/interação. No entanto, tal prática não acontece e os alunos apresentam dificuldades na diferenciação, por exemplo, entre gênero e tipo textual.

Comumente lemos em artigos de Linguística Aplicada que no interior da sala de aula os gêneros são trabalhados superficialmente e apenas com aqueles que estão presentes no livro didático, fazendo com que os alunos apresentem dificuldades na diferenciação entre gêneros e tipos textuais.

Como dito anteriormente, os livros didáticos não apresentam uma ampla variedade de gêneros, propondo-se a trabalhar com pouquíssimos gêneros discursivos. Por serem amplos, os gêneros discursivos fazem com que os professores busquem novos meios de ensino para acrescentarem o conhecimento do aluno, pois a proposta de ensinar gênero é fazer com que este detenha a competência comunicativa.

Em síntese, deve-se assinalar é que uma análise discursiva integradora das diferentes dimensões envolvidas na produção de sentidos pode permitir que os alunos construam uma consciência linguística e metalinguística essencial para sua formação. Vale ressaltar que essa consciência só se alcança em razão de o aluno ser orientado, nas práticas de ensino e de aprendizagem, para uma atuação ativa no trabalho com o texto, a qual requer a contínua transformação de saberes (textuais, pragmáticos, conceituais e além dos especificamente linguísticos) relativos às diferentes dimensões envolvidas em um texto ao atualizar determinado gênero (BRASIL, 2006, p. 31).

Para tanto, pressupõem-se que o professor deve mudar sua postura dentro da sala de aula, sair da didatização, procurar renovar seus métodos de ensino, para, com isso, oferecer aos alunos um melhor aprendizado, pois se observa o descaso que os mesmos têm em relação aos estudos feitos tanto com a gramática, quanto no próprio estudo dos gêneros discursivos, visto não terem a devida motivação e introdução de métodos mais flexíveis e oportunos para tanto.

1.6 Língua materna no âmbito escolar

O ensino de língua materna na escola tem se tornado um sério ponto para discussões, tanto no âmbito do fazer ler, quanto nas motivações para tal ato e para a escrita. Sendo assim, propostas devem ser expostas para avaliação e inserção das melhores práticas em sala de aula, permitindo aos alunos chances de um melhor aproveitamento escolar. Portanto, faz-se necessário expor/realizar propostas que visem melhorias das práticas em sala de aula, bem como a capacidade comunicativa do aluno nas mais diversas situações sociais. O trabalho com a linguagem merece destaque, uma vez que é habilidade do ensino da Língua Portuguesa “garantir o uso ético e estético da linguagem verbal; fazer compreender que pela e na linguagem é possível transformar/reiterar o social, o cultural, o pessoal” (BRASIL, 2000, p. 22). Assim, os exercícios tradicionais de classificar e identificar vão de encontro às propostas dos (PCN, 2000), pois estes não possuem funcionalidade alguma, ou seja, não desenvolvem no aluno a capacidade de comunicação/interação por meio da escrita e nem da fala.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL, 2000, p. 16) afirmam que o estudo de língua materna na escola aponta para uma reflexão sobre o uso da

língua na vida e na sociedade. Os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (PARAÍBA, 2006, p. 55) postulam que o papel do ensino de Língua Portuguesa é também oportunizar ao educando a apropriação, tanto do dialeto padrão na modalidade oral, socialmente requisitado para situações formais da fala em público, quanto do dialeto padrão na modalidade escrita, requisitado para situações formais de escrita.

O sistema escolar atual sofre problemas de adequação ao público, visto que desde sua criação segue moldes que dizem respeito a classes sociais com melhores índices econômicos. Uma socialização de culturas diversificadas e abrangentes, agora também das classes menos favorecidas, é uma proposta de amenização do problema inicial.

A escola deve ser espaço para criar e recriar, não para copiar e reproduzir ideias e sentimentos antigos. De acordo com as OCEM (BRASIL, 2006, p. 27), a escola tem a função de promover condições para que os alunos reflitam sobre os conhecimentos construídos ao longo de seu processo de socialização e possam agir sobre (e com) eles, transformando-os, continuamente, nas suas ações, conforme as demandas trazidas pelos espaços sociais em que atuam.

Portanto, é preciso mudar a concepção de práticas educacionais prontas, fazendo da escola uma comunidade de leitores que recorram aos textos buscando respostas para os problemas que necessitam resolver. Mas, a escola não deve ser apenas concebida como um lugar onde se aprende um determinado conteúdo escolar, mas sim um lugar onde se aprende a construir relações dos conteúdos com o mundo social.

1.7 Leitura e produção de texto

A leitura tem se tornado um ponto crucial para o conhecimento e desenvolvimento da linguagem escrita e da socialização entre as pessoas. É através dela que se pode conhecer o mundo, real ou não, onde as distâncias se aproximam chegando a mínimas, e as diferenças sociais são amenizadas. Assim, a leitura é vista como produção e estudá-la significa dar conta dos processos e das condições sócio-históricas de sua produção.

As formas de se trabalhar a leitura em sala de aula devem mudar, pois os textos têm uma função bem maior do que simples decodificação. Para tanto, os professores devem mostrar aos alunos por meio de atividade de leitura que o texto tem uma função social e que

as atividades de leitura, em cada caso, devem levar os alunos a perceber que a composição do gênero – em todos os seus aspectos verbais e não verbais,

nas informações que apresenta ou omite, no destaque que dá a alguns mais do que a outras – é planejada de acordo com a função social e seus propósitos comunicativos (LOPES-ROSSI, 2005, p. 810).

Assim, a leitura nos traz possibilidades de alcançar novos horizontes através do desenvolvimento da linguagem. Nesses termos, a leitura vai além da decodificação de signos e se transforma na interação entre indivíduos. Pensando nisto, Prestes (2001, p. 01) “esclarece que

para que se estabeleça uma relação interativa entre escritor e leitor, se faz necessário, em primeiro lugar, que o texto, o instrumento de intermediação nesse processo comunicativo, se apresente num código linguístico comum aos dois sujeitos, ou seja, numa língua cujas regras fonológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas eles dominem”.

O ato de ler é iniciado na escola, a qual tem a função de desenvolver a habilidade à leitura e oferecer ao aluno um ambiente propício para se desenvolver a leitura e a escrita através de textos contemporâneos e do conhecimento dos alunos.

Além da leitura, faz-se necessário uma abordagem sobre a escrita, uma vez que ambas necessitam uma da outra. Assim como a leitura, a escrita tem se tornado um ponto fundamental para o desenvolvimento da linguagem, tendo o texto como ponto de partida, pois é a partir dele que o aluno interage com o outro. No entanto, para que o texto tenha sentido, ele deve estar inserido em um contexto próximo da realidade do aluno, facilitando a compreensão e a interação entre o leitor e texto.

Para tanto, Silva (1986, p. 57) afirma que "escrever é registrar as formas de se interpretar o mundo, nada tendo a ver com o exercício de uma técnica ou a cópia de um modelo". Todavia, o texto por si só não traz sentido, este deve estar inserido em um contexto para facilitar a compreensão do aluno, além de dar ao mesmo, subsídios para a produção textual. Quando isso não ocorre interfere em seu aprendizado.

O sentido da escrita não está no texto, mas se constrói nele, e esta construção de sentidos acontece na interação entre leitor e autor através do texto. Logo, “a escrita é tida como uma atividade social, contextualizada”, conforme Dias (2001, p. 85). Com isso, o estudo de gênero tem caráter positivo nas aulas de português, pelo fato de levar em conta seus usos e funções em uma situação comunicativa.

Na sequência do texto monográfico apresentamos a discussão do próximo capítulo intitulado de “A pesquisa-ação em foco: das questões metodológicas ao relato da experiência”.

CAPÍTULO II

A PESQUISA-AÇÃO EM FOCO: DAS QUESTÕES METODOLÓGICAS AO RELATO DA EXPERIÊNCIA

2.1 A importância da noção de sequência didática para o ensino de Língua Portuguesa

A busca por estratégias didáticas pelo professor ocorre pelo fato de que, muitas vezes, os livros didáticos não trazem suporte necessário para o ensino dos gêneros. Utilizaremos, neste trabalho, as contribuições de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) que propõem um ensino de gêneros baseado em forma de sequências didáticas. Estas são definidas como um conjunto de atividades escolares organizadas, em torno de um gênero textual oral ou escrito, propiciando ao aluno comunicar-se em situações diversas. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemáticas em torno de um gênero textual, oral ou escrito”.

Esta prática busca ajudar o aluno a dominar melhor um gênero, permite acesso às práticas de linguagens novas ou dificuldades domináveis. As sequências didáticas são formas construtivas interacionais e sociais. Esta nova proposta de ensino adotada por este Grupo de Genebra é composta por quatro sequências: a primeira, *a apresentação da situação*, é o momento em que os alunos serão apresentados ao trabalho que será realizado, lendo e discutindo textos do gênero escolhido; a segunda, *produção inicial*, é o momento em que os alunos elaboram o texto, permitindo assim que o professor detecte os problemas existentes; a terceira, *os módulos*, consistem em atividades que contemplam problemas presentes na produção inicial, objetivando melhorias na produção final; a quarta, *produção final*, é a etapa em que os alunos podem pôr em prática os conhecimentos adquiridos com relação a cada gênero estudado, oportunizando ao professor analisar os progressos referentes à produção inicial. A partir dessa nova proposta de ensino, Dolz *et. al.* (2004, p. 96) elucidam:

criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas.

Portanto, as sequências didáticas possibilitam a interação entre o professor e aluno, havendo uma troca de conhecimento mútua.

No que concerne à avaliação no contexto didático, consideramos que avaliar é um processo orientado para o futuro, onde a realização de provas e testes apenas complementa um todo bem mais amplo e complexo. Por isso, avaliar a aprendizagem do aluno não começa e muito menos termina quando atribuímos uma nota à aprendizagem. Se fosse, a avaliação seria apenas uma forma de medição de conhecimento, e como sabemos avaliar não é apenas medir, ainda que medir faça parte do seu processo.

De acordo com Cosson (2006), a avaliação é uma das atividades que ocorrem dentro do processo pedagógico e como tal ela deve ser usada tanto no sentido do acompanhamento do desenvolvimento do aluno (avaliação formativa) como no sentido da apreciação final sobre o que o estudante pôde obter em um determinado período (avaliação somativa).

Assim, ressalta-se que a definição do que se vai propor como objeto de ensino, a rigor, é uma ação de natureza pedagógica e, sobretudo política, voltada para a criação de situações de ensino que propiciem a construção de conhecimentos que resulte de uma atividade de busca por parte do próprio aluno, fundada em situações de aprendizagem significativas, a partir das indicações e das orientações fornecidas pelo professor, (BRASIL, 2006, p. 36).

Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) a sequência promove o domínio da língua por meio da aquisição do gênero discursivo que o aluno não conhece ou não é proficiente. Basicamente, a sequência didática apresenta os seguintes pontos e ordem: *apresentação da situação de produção*, nessa etapa os alunos têm contato com o trabalho a ser desenvolvido, leem e discutem textos sobre a temática a ser escrita no gênero textual proposto na sequência, estudam também as características desse gênero; *produção inicial*, os alunos elaboram o seu primeiro texto e o professor realiza um diagnóstico dessa produção, o que dará continuação ao trabalho; *módulos de atividades*, que contemplam os problemas encontrados nos textos dos alunos e dão orientações para a reescritura; *produção final ou reescritura*, etapa em que os alunos através da reescritura dos seus textos demonstrarão o resultado das atividades desenvolvidas na sequência didática, permitindo o professor avaliar o desempenho de cada aluno. A reescrita pode ser feita uma, duas, ou mais vezes, se necessário.

O professor pode elaborar várias sequências didáticas para o período letivo e adaptá-las de acordo com a realidade de cada turma, pois, segundo Araújo e Amorim (2006, p. 10), o ensino com a sequência permite aos alunos “um acesso progressivo e sistemático aos instrumentos comunicativos necessários à produção de textos pertencentes a diferentes gêneros”. Vale salientar que o professor deve apresentar aos alunos a diversidade de gêneros,

mostrando a diferença entre eles e suas respectivas características e funcionalidades no meio social.

Em suma, o papel da escola e do professor é criar mecanismos que promovam o letramento dos alunos e que a partir dos gêneros discursivos o aluno construa sua experiência de leitura, escrita e análise linguística. Pela ótica dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL, 2000), é necessário, também, que o professor de português desperte nos alunos o desejo de usufruir do patrimônio cultural da humanidade, respeitando e preservando as diferentes manifestações da linguagem. A língua, por sua vez, precisa ser vista como um idioma de caráter identitário, gerador de significação, capaz de construir e desconstruir diferentes categorias discursivas.

Nesse momento, apresentaremos a sequência didática que embasou a pesquisa-ação ora defendida neste Trabalho de Conclusão de Curso.

2.2 PROPOSTA DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA: ANÁLISE DO DISCURSO DA PUBLICIDADE E DA PROPAGANDA DE CUNHO AMBIENTAL E A FUNÇÃO ESTÉTICA DA LINGUAGEM

Justificativa:

Diante dos desafios que a educação da contemporaneidade atravessa é proposto refletir como contribuir para que haja em nosso processo de ensino-aprendizado uma postura que produza alunos protagonistas, que colaborem para transformar esse mundo que está desumanizando o homem e destruindo a natureza. O mundo globalizado, com avanços tecnológicos como ferramentas, tem ampliado o acesso à aquisição do conhecimento, e aproximado diferentes níveis sociais, proporcionando uma revolução ao acesso ao conhecimento como nunca visto. O presente trabalho através desta sequência didática assume a perspectiva da análise do discurso, refletindo como o discurso de cunho ambiental através de anúncios publicitários e propagandas tem produzido sentido para provocar uma postura de preservação do meio ambiente em alunos do ensino médio, tendo como contribuições teóricas estudos de Pêcheux (2009), Orlandi (2008), Travaglia (2009), dentre outros.

Partimos da concepção de que é possível perceber como o discurso publicitário e propagandista assume o caráter persuasivo, ou seja, tem o propósito de persuadir o consumidor à compra, a inevitavelmente vender o produto e habituá-lo a sustentar a marca escolhida ao seu cotidiano. Segundo Aldrighi (1985, p. 62), “a ajuda da propaganda, a atitude evolui de algumas noções e predisposições básicas até a preferência predefinida pela marca. E

o comportamento evolui da compra e experimentação até a formação do hábito e a fidelidade à marca”.

Objetivos Gerais:

- Compreender o discurso publicitário.
- Promover a ampliação do conhecimento dos alunos do ensino médio sobre análise do discurso publicitário.
- Aperfeiçoar a competência de leitura e interpretação do gênero publicitário.
- Expandir o conhecimento sobre as diferenças do discurso da propaganda e do discurso publicitário.
- Refletir sobre a persuasão que a publicidade tem de gerar modos de vida.
- Promover um aprendizado que reflita em uma postura para preservação do meio ambiente.

1º Encontro (02 aulas)

Conteúdo: Definição e compreensão das diferenças existentes na análise do discurso do gênero publicitário e da propaganda através de temáticas com discurso ambiental.

Objetivos Específicos: Promover debates e discussões sobre a análise do discurso ambiental em propagandas e publicidades.

Metodologia:

- Antes de iniciarmos a aula, realizaremos a dinâmica “caixa de perguntas”. Consiste em socializar a temática (preservação do meio ambiente) através de provocar um debate sobre a visão, postura e consciência de cada discente.
- Cada discente receberá uma ficha para escrever sobre qual anúncio seja publicidade ou propaganda pela diferenciação dos critérios irão ser estudados.
- Apresentaremos três propagandas: Propaganda SOS Mata Atlântica /viva a mata; Propagandas da WWF contra o desmatamento e “RESÍDUOS” propaganda do festival do lixo e da cidadania de parcerias do governo federal e SEBRAE.
- Apresentaremos três anúncios publicitários: Novo FORD KA (ganhador de cinco estrelas da nota verde do IBAMA); ITAÚ (Issomudaomundo- projeto BIKE); HSBC (PAINEL TOMBADO). Para análise dos critérios de textualidade junto com os discentes com a turma em círculo.
- Em seguida explanaremos os critérios de textualidade e a temática representados em cada gênero abordado.
- Ao final, pediremos para que a partir do que foi trabalhado respondam qual anúncio é publicidade ou propaganda?
- Ao final discutiremos sobre as respostas nas imagens e quais devem sofrer alterações.
- Já reconhecendo o que é propaganda e anúncio publicitário, daremos início à questão discursiva.
- Distribuir para cada aluno, uma ficha com a seguinte questão: o que é discurso?

- Em seguida será recolhida cada resposta para ser analisada no último encontro, se houveram modificações.

Recursos de ensino:

- Caixa
- Lousa
- Pincel
- Anúncios xerocopiados
- Fichas
- Atividades xerocopiadas

Avaliação:

O resultado ocorre por argumentos escritos e orais.

2º Encontro: (02 aulas)

Conteúdo: Verificar as modificações nas respostas sobre a compreensão da definição de discurso. Levantar questionamentos de quais funções estéticas da linguagem publicitária os conduz à uma postura consciente.

Objetivos Específicos: Identificar as funções estéticas da linguagem publicitária.

Metodologia:

- Iniciaremos a aula, recapitulando as diferenças entre publicidade e propaganda e a temática abordada.
- Discutiremos sobre o que é discurso a partir de suas respostas, e como o gênero trabalhado apresenta um discurso específico.
- Através de slides explanaremos sobre as funções estéticas da linguagem e como esse aspecto comunicativo está presente nos anúncios estudados.
- Distribuiremos uma atividade contendo dois anúncios publicitários da (FORD E HSBC) com cinco questões para que seja feita a leitura discursiva, responda qual função de linguagem predomina e explique o que fará diferente em relação ao meio ambiente.
- Assistiremos ao vídeo “história das coisas”.
- Discutiremos as questões que o vídeo aborda.
- Para finalizarmos retonaremos a questão: o que é Discurso?

Recursos de ensino:

- Data Show
- Lousa
- Pincel

- Fichas questões trabalhadas
- Vídeo

Avaliação:

Participação Oral e argumentações escritas.

Essa sequência didática está diretamente ligada à Análise do Discurso do gênero publicitário e as funções estéticas da linguagem que promovem uma prática consciente e eficaz para preservação do meio ambiente, conduzindo ao ensino-aprendizado dinâmico e como motivação em sala de aula, associado ao conhecimento de mundo dos alunos e à práticas emergenciais que o nosso planeta requer. A Linguística Aplicada com seus moldes atuais funciona como diferencial para educação que atravessa a relativização e a descentralização do conhecimento, que mesmo institucionalizado não consegue estar restrito.

2.3 Das questões metodológicas

Realizamos esta sequência, no mês de outubro de 2013, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula, localizado no bairro do Cruzeiro, na cidade de Campina Grande - PB, na turma do terceiro ano C, durante dois dias com período de duas aulas cada.

A presente pesquisa se classifica como pesquisa-ação por entendermos, segundo Barros e Lehfeld (2007), que esta tipologia de investigação científica se estabelecer por reunir as seguintes características: há interação entre pesquisadores e pesquisados, o objeto de estudo é constituído pela situação social (no caso, a instituição escolar) e objetiva aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o nível de consciência das pessoas ou grupos sociais considerados (no caso, os alunos envolvidos).

Como educadores, nos preocupamos com o que poderia contribuir nas práticas metodológicas educativas para despertar a motivação. Por isso, iniciamos com a dinâmica, um momento de debate e interação com a turma em círculo e percebemos como os discentes, expuseram suas opiniões com liberdade, entusiasmo e motivação, apresentando o gosto pela temática. A turma apresentou uma sede de aulas dialogadas, e que os instigasse ao desenvolvimento do pensamento, quando trabalhamos os critérios de textualidade na primeira aula. Todos falavam ao mesmo tempo e davam suas opiniões.

Já no segundo dia trabalhamos com os *slides* apresentando as funções estéticas da

linguagem. Trabalhamos cada função: primeiro lançando para discussão o conhecimento que eles tinham sobre cada uma, até que os discentes chegassem por si só as definições. Foi um momento de interação e aprendizado, ao ponto de que quando a atividade foi distribuída nenhum discente se opôs a fazer, pelo contrário fizeram prontamente. As atividades realizadas e as próprias discussões geradas já revelam um resultado satisfatório, compatível com o que almejávamos: promover a ampliação do conhecimento dos alunos do ensino médio do gênero trabalhado e as funções da linguagem. Nosso intuito inicial foi o de desenvolver a consciência crítica dos alunos, a fim de explorar suas aptidões para a realização das atividades. A participação dos alunos nestas atividades e nas discussões em sala de aula foi muito boa.

Discussões como - que estudantes estão sendo formados nessa era tecnológica, ou com a inclusão digital como instrumento ou ferramenta base para educação? Pense por exemplo nas questões do aquecimento global, tempos de tantas instabilidades climáticas e ameaça de que nosso planeta fique sem água potável. Temos essas informações através da mídia, da Internet etc. Assim podemos dizer que somos bombardeados com essas notícias, que cada vez fica mais claro e evidente que o problema existe; e fica cada dia mais real e próximo de nós - fizeram parte de nossa estratégia didático-discursiva para ampliarmos dialogicamente as reflexões em sala de aula.

No nosso dia a dia, de forma particular, o conhecimento e entendimento do problema têm afetado em uma mudança de comportamento, que é o que se espera de estudantes e pessoas que alcancem e compreendem o problema, ao ponto até de influenciar o mundo ao seu redor. Outro exemplo, o lixo que vemos em nossas ruas principalmente quando o inverno com grandes chuvas chega, trazendo consequências com ruas alagadas, por causa de bueiros entupidos de lixo. E assim, trazem doenças e mortes além de pessoas desabrigadas e desalojadas. A educação tem o objetivo e finalidade de transformar vidas e fazer diferença para o mundo que o cerca. A partir dessas reflexões, pretendemos analisar se estamos “engolindo” a quantidade de conhecimento ou estamos sendo transformados a partir dele.

Isso resulta em deslocar o aluno da posição de sujeito passivo para ativo no processo de aprendizado e auto-reflexão, contribuindo para um aluno mais consciente. Podemos observar muitas salas de aulas totalmente agitadas, estudantes sem controle algum, professores estressados, diretores como carcereiros que precisam usar vozes alteradas, posturas altivas e total distância para conseguir respeito. Desta forma, os alunos se encaixam como “presos” que desejariam estar em qualquer outro lugar e alguns, sequer, entendem que estar ali vai além da obrigação para receber uma bolsa família, mas poder construir um novo futuro. E todo esse processo se inicia quando se percebe que suas ações, por mínimas que

sejam, serão valorizadas, entendendo que, por muitos anos, a educação tem valorizado mais aquele aluno que se mostra passivo e obediente do que o que se mostra inovador, diferenciado e questionador.

Então, tem se tornado natural aos alunos tornar seu potencial criativo adormecido, pois não tem liberdade necessária para desenvolver-se. Por exemplo, o aluno inquieto, bagunceiro que obriga que o professor por várias vezes interrompa a aula, atrapalhando seu desempenho e desestimulando-o totalmente, sem contar acarretando ao professor um enorme cansaço físico, que tem refletido em aulas mecânicas com um ensino totalmente normativo e prescritivo como a uma única forma de controlar a turma e transmitir o conteúdo. Se fizermos uma autoanálise e, sinceramente, respondermos: este é o único caminho? É a solução? Ou cabe a nós produzirmos estradas para dar esperanças a alunos e assim possam transferir toda inquietação para inovações que se liguem ao que é verdadeiramente importante para o aprendizado? Para onde o processo ensino-aprendizagem está caminhando? Devemos ter essa(s) resposta(s) quando não mais enxergamos nossas salas de aulas repletas de bonecos ou robôs que em série podemos reproduzir.

A educação não se reproduz, mas se constrói, acarretando em uma satisfação e capacidade de pensar por si mesmo, produzir um entendimento com sua própria linguagem, suas experiências e seu conhecimento de mundo. A liberdade para o estudante é prendê-lo com seus pensamentos. Dessa maneira, assumimos uma postura cuja pretensão vai muito além de uma prática mecânica, sobretudo quando se procura intervir didaticamente, criando condições interativas de comunicação no processo de ensino-aprendizagem.

É possível perceber que a escola, como instituição tradicional em que preserva valores e conceitos antigos, tem-se chocado com a relativização que atravessa a contemporaneidade e, conseqüentemente, gera um novo tipo de aluno: esse que aprendeu que não tem nada a perder, mas que precisa ser desafiado ao ponto de por si mesmo entender que o texto não está somente sendo lido, mas também vivido. E que viver é ser capaz de crescer aprendendo.

O aluno da atualidade nutre uma revolução por seus direitos, sua personalidade, individualidade e suas potencialidades as quais os diferenciam dos outros, devendo ser respeitados e, muito mais, sejam considerados inseridos, de fato, no processo de ensino-aprendizagem. A falta de interesse, desmotivação e muitas vezes desprezo é um reflexo da ausência de construção de sentido que se dá numa relação dialógica entre produtor, leitor e os contextos de interação em que nesta correlação novos conhecimentos são produzidos. Assim, ser sujeito na linguagem significa trabalhar produzindo e interpretando, considerando a constituição heterogênea dos discursos.

Pode-se concluir que a política pedagógica apóia num intento de homem e sociedade construído na reflexão-ação, objetivando que, no trasladar da teoria e da *práxis* educativa o aluno-cidadão almeje a criação, a transformação positiva nas interações. Conforme se exemplifica nos pressupostos dos Parâmetros Curriculares Nacionais para área de Língua Portuguesa para o Ensino Médio:

Uma vez que as práticas de linguagem são uma totalidade e que o sujeito expande sua capacidade de uso da linguagem e de reflexão sobre ela em situações significativas de interlocução, as propostas didáticas de ensino de língua portuguesa devem organizar-se tomando o texto (oral ou escrito) como unidade básica de trabalho, considerando a diversidade de textos que circulam socialmente. Propõe-se que as atividades planejadas sejam organizadas de maneira a tornar possível a análise crítica dos discursos para que o aluno possa identificar pontos de vista, valores e eventuais preconceitos nele vinculados (BRASIL, 2000, p. 23).

Segundo Bakhtin (1997), todo ato de produção de sentido é um evento dialógico do significado. Portanto, é papel da escola, como instituição formal do conhecimento, promover para os alunos meios de aquisição da linguagem com multiplicidades, através de gêneros orais e escritos, para que estes possam se desenvolver de forma integrada.

2.4 O relato de experiência das aulas

Iniciamos a aula com a turma em círculo para a dinâmica “caixa de perguntas” que consiste em cada aluno pegar dentro da caixa uma pergunta de forma alternada: o da direita recebia e o da esquerda não (mas responderia) até que todos pegaram as perguntas. Iniciamos com o debate. Podemos provar um momento de reflexão e questionamentos que provocou um debate sobre as nossas atitudes como consumidores nesta sociedade capitalista e o quanto reflete na preservação do meio ambiente. Após o debate, o professor da turma participou contribuindo com reflexões proveitosas.

No segundo momento, distribuimos fichas para que cada discente identificasse as diferenças no gênero abordado (publicidade ou propaganda). Para o levantamento do horizonte de expectativas, levamos propagandas sobre o meio ambiente e sua degradação e anúncios publicitários com o mesmo tema - ver anexos. Os alunos deveriam identificar suas diferenças. Foi um momento que aguçou a curiosidade e despertou o interesse por não terem conhecimento de que haveria diferenças. Discutimos critérios da textualidade, referente ao que faz com que um texto seja texto e não apenas um amontoado de palavras segundo a linguística textual. Ao todo são sete os fatores responsáveis para montar esse conjunto de característica, e segundo Beaugrande e Dressler (1983 *apud* COSTA VAL, 1994) são: a

coerência e coesão, estes voltados para o material linguístico; a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade, referentes aos fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo.

Totalizando seis imagens (sendo três propagandas e três publicidades) todos deram suas opiniões e participaram preenchendo as fichas. Ao término e sem terem a resposta ainda, fomos analisar o discurso de cada publicidade e propaganda para que eles mesmos chegassem a resposta de suas diferenças, mas acima de tudo prestassem atenção ao tema abordado que ainda não tinha sido dito forma explícita.

Quando todos concluíram com suas respostas, expomos mais uma vez cada imagem e perguntamos: qual eles identificaram como publicidade e qual identificaram como propaganda baseados nos critérios de textualidade e comunicativos que apontavam para as especificidades de cada uma delas. Alguns alunos tiveram a iniciativa de começarem a expressar suas respostas, que comprovava que tinham descoberto, totalizando na metade da turma. Os quais tiveram maior número de acertos. Ao término, distribuímos uma ficha para cada discente contendo a seguinte questão: (Quando você pensa sobre o que é DISCURSO, o que vem a sua mente? Exponha sua opinião). Aconteceu o que esperávamos, mas já refletindo o que tínhamos trabalhado nessa mesma aula. Alguns discentes colocaram para a definição de Discurso, como: *“Eu penso que Discurso é o modo que uma pessoa usa para defender uma ideia.”*, *“Discurso é o que as pessoas fazem para convencer as pessoas”*, *“Eu acho que Discurso é algo que alguém tenta mostrar, ou vai falar, convence alguém a algo”*, *“Há vários tipos de discurso, político, propaganda e também defender uma tese”* - ver anexos. O gráfico que se segue demonstra tais afirmações.

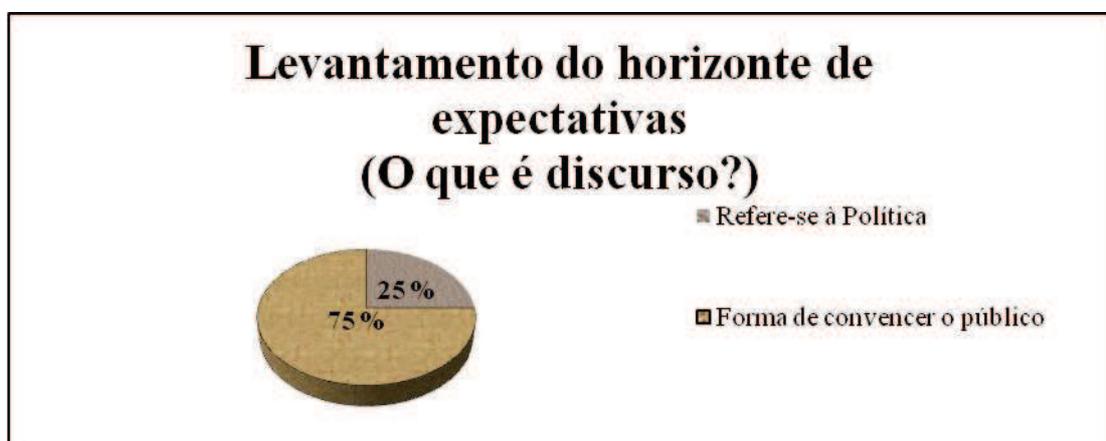


GRÁFICO 01 - O que é discurso para os alunos

A maioria definiu Discurso com forma de convencer o outro, mas o discente muito participativo, a quem referimos à última definição, já conclui que existem tipos de discursos e reconhece a propaganda, na qual trabalhamos no primeiro momento da aula, como sendo um dos tipos.

No segundo dia, a aula inicia-se recapitulando o que foi trabalhado no dia anterior, e discutimos um pouco sobre o que é Discurso, de acordo com as respostas apresentadas. Na próxima etapa, com a utilização do data-show, explanamos através do slides um estudo sobre as funções estéticas da linguagem, sempre partindo do conhecimento de mundo deles, da informatividade e intertextualidade para que eles chegassem a definição e objetivo de cada uma, tanto na comunicação em geral, como nos anúncios publicitários e propagandas que tínhamos estudado. Todos participaram e deram suas contribuições para que juntos chegassem à compreensão. Puderam perceber como essas funções fazem parte do nosso dia-a-dia, e quanto nos enredamos nesses gêneros estudados. Comprovaram que uma boa publicidade não depende do produto anunciado, mas o quanto apelativa e sedutora ela é para o público desejado. E por mais que seu discurso seja apresentado com de cunho ambiental, de preservação ao meio ambiente, como pano de fundo, não ampliamos a nossa leitura para esse campo, mas somente para o produto anunciado. E no caso da propaganda até muitos se comovem, choram, ficam emocionalmente abalados com a seca, as mudanças climáticas, a exemplo dos raios solares que cada vez ficam mais intensos na terra pela destruição da camada de ozônio, mas nenhum deles foi constrangido a não jogarem lixo na rua, ou latas pelas janelas dos seus carros ou ônibus. Então, o que nos resta? - foi uma indagação feita em sala de aula na tentativa de formar um leitor proficiente destes gêneros e aproximá-los cada vez de uma consciência proativa e eficaz, pois a educação é emancipadora e transformadora para o homem: talvez essa possa ser nossa contribuição! Já que metodologicamente estamos inseridos em uma pesquisa-ação.

No terceiro momento, distribuímos uma atividade contendo dois anúncios publicitários (FORD E HSBC) para que lessem e respondessem e assim fizeram. Na pergunta de letra (b), “que função da linguagem te chama atenção nos textos” (a que predomina)? A maioria das respostas foram: (apelativa, emotiva e informativa), demonstrando a aquisição do conhecimento pela maioria, e na pergunta (e), “Depois de ter lido esses anúncios, o que você fará de diferente”? O gráfico a seguir apresenta os resultados.

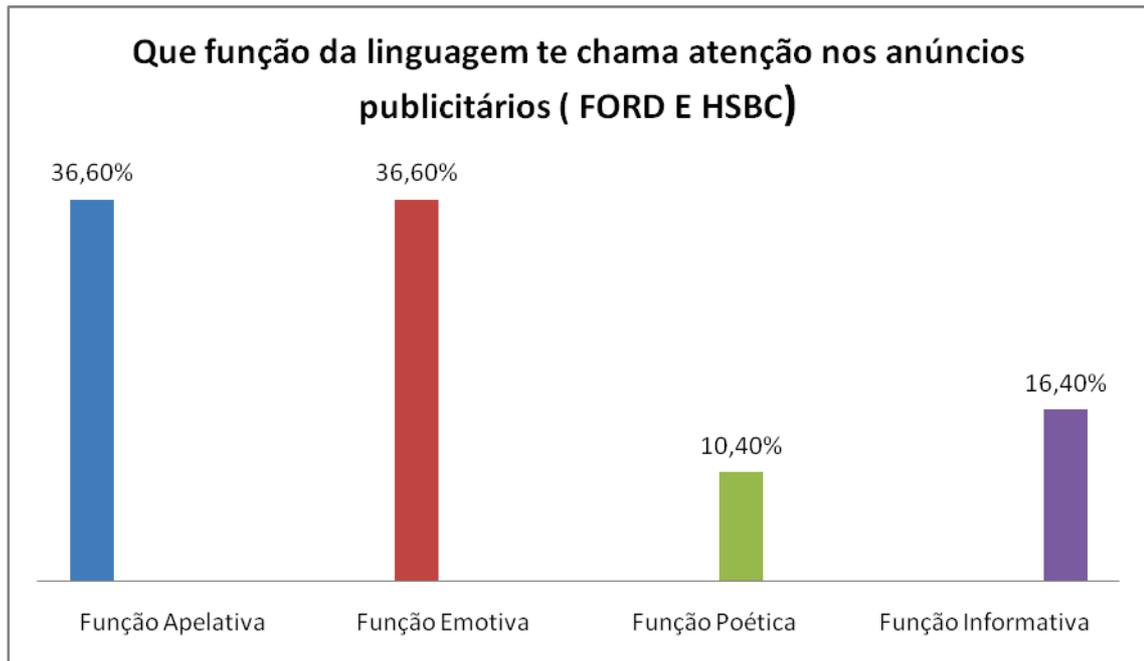


GRÁFICO 02 - Reconhecimento das funções da linguagem pelos alunos

Para nossa surpresa, diferente da primeira aula que somente dois discentes são envolvidos na causa ambiental, e os outros nem pensavam sobre isso, tivemos 63,2% dos discentes demonstrando interesse, a exemplo dessa resposta: *“Agora eu entendi o quanto podemos focar e ver o quanto a natureza está sendo prejudicada, e às vezes nem percebemos o quanto estamos degradando o nosso meio ambiente”*, outra resposta: *“Tentarei prestar mais atenção nas questões de preservação da natureza, fazendo minha parte como cidadão consciente”* e a seguinte: *“Preservar e prestar mais atenção em comerciais e anúncios”*.

Na próxima etapa assistimos ao vídeo “História das coisas”, que despertou reflexão e questionamentos, e o professor da turma confirmou que iria trabalhar com eles esse vídeo. Logo, contribuímos para o andamento da turma em conformidade com o planejamento já realizado pelo professor efetivo. Para fecharmos a aula, voltamos à questão: Então o que é DISCURSO? Rapidamente vários tiveram a iniciativa em responder com êxito, demonstrando a aquisição do conhecimento e apropriação acerca do tema abordado.

Em análise geral, compreendemos que a dinamicidade, o planejamento, levantar questionamentos, provocar o aluno a pensar e refletir devem estar impreterivelmente no exercício da docência e somente podemos verificar com o exercício com esses jovens, e na experiência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) com o **Projeto CLIC** (CULTURA LITERATURA E CRIATIVIDADE) que trabalhamos no **MÓDULO IX ARCADISMO** com o *tema “o homem e a valorização das riquezas naturais”* que

realizamos várias atividades que canalizaram para uma consciência e ações práticas que estão no dia-a-dia e devem ser atentadas. Tivemos ótimos resultados, como depoimentos sobre mudança de atitudes práticas, e plantio de mudas frutíferas por cada aluno.

É bastante gratificante observar que é possível despertar nos alunos o interesse pela Língua Portuguesa, mas que para isso é necessário que sejamos responsáveis pelo exercício que nos foi destinado. Sabendo que ensinar não é apenas informar inúmeros conteúdos, mas fazer com que esses conteúdos sejam vistos e refletidos como algo funcional na vida desses indivíduos. Em síntese, práticas pedagógicas desse tipo favorecem tanto os alunos como os professores, uma vez que estes desenvolvem suas habilidades e estão expostos a métodos inovadores para o ensino língua e literatura.

2.5 O PIBID: espaço diferencial na formação do professor

O ensino de Língua Portuguesa, ainda que proposto de forma sistemática deve não somente se conceber de forma crítica, mas também lúdica com situações de produção e leitura de textos atualizados em diferentes suportes e sistemas de linguagem (escrito, oral, imagético, digital e etc.). Portanto, deve contribuir na construção de habilidades e conhecimentos que oportunizem o aluno a refletir sobre os usos da linguagem nos textos e sobre os fatores que concorrem para sua variação e variabilidade linguística. Diante de todas as questões abordadas até então, neste trabalho, percebemos a fundamental importância em se pensar na perspectiva que reforça a eficácia do PIBID na formação do professor, criando estradas para que o ensino-aprendizagem acadêmico construa um profissional que ao sair da academia, perceba que teve a oportunidade de experimentar as ferramentas do exercício docente, com um monitoramento específico do professor supervisor, ao ponto que sua visão de futuro professor seja testada e aprovada. A nossa preocupação em fechar este capítulo com essa discussão deriva do fato de nossa pesquisa-ação derivar de nossa participação neste referido programa que promove, no contexto da formação inicial de professores, uma prática docente efetiva.

Assim, como a formação do aluno da escola básica vai se construindo através de um conjunto de fatores direcionados para a compreensão do funcionamento sociopragmático do texto, quando este percebe a funcionalidade daquilo que ele está aprendendo, o professor em formação através do PIBID, não somente se experimenta, mas também traz à tona a função da

sua formação, exercendo um produtivo campo de investigações que se filiam a natureza tipológica da pesquisa-ação. Segundo Garcia (1999, p. 25),

o campo da formação de professores estuda os processos através dos quais os professores em formação ou em exercício se implicam individualmente ou em equipe, em experiências de aprendizagem através dos quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências ou disposições, e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino do currículo e da escola com objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem.

Portanto, o professor em formação precisa ter em mente que o ensino deve se dá de forma integrada e a sua formação se concretiza com uma conscientização de que sua prática precisa agregar uma reflexão sobre o mundo que cerca seu aluno. De acordo com Cândido (1995), práticas que propiciem a formação humanista e crítica do discente e que estimulam sua reflexão sobre o mundo estão diretamente ligadas ao ensino de Língua Portuguesa no processo de ensino-aprendizagem dos indivíduos que envolvem suas histórias, a singularidade e identidade que fazem parte de suas vivências e sonhos que não devem ficar do lado de fora da sala de aula.

Nessa esteira, deve-se também criar espaço de vivência e cultivo de emoções e sentimentos humanos, mesmo que estejam dentro de quatro paredes, isso não deve ser pretexto para anular o todo que também se expressa e manifesta através de linguagem.

Segundo Antunes (2003, p. 109), a pretensão do ensino de Língua Portuguesa deve se “chegar aos usos sociais da língua”. Essa afirmativa reforça a ideia de reconhecer que a língua se manifesta em forma de texto, ou seja, tudo que falamos, ou vimos, ou lemos e escrevemos são na verdade “textos”. Para atingir esse objetivo, os documentos oficiais incluem dentro do ensino de Língua Portuguesa o caráter enunciativo da linguagem que leva em consideração as condições de produção – contexto, os interlocutores, gêneros discursivos, os significados sociais, a função social – do enunciado linguístico, como podemos ver na citação a seguir:

em outras palavras, trazer à tona o contexto de produção, os recursos utilizados pelos interlocutores, os valores, o ponto de vista e as relações de autoridade, como determinantes das formas de dizer/escrever, significa estabelecer relação estreita entre mecanismos enunciativos constitutivos da linguagem e da língua-dêixis, modalização, polissemia e duplo sentido, polifonia e heterogeneidade, implícitos, entre outros, -, e as questões de ideologia, identidade e poder. (PARAÍBA, 2006, p. 21)

A educação brasileira, mesmo com o avanço dos últimos anos, não deixa de percorrer em busca de acompanhar os avanços e tecnologias para alcançar a qualidade que o ensino público requer para o desenvolvimento do ser humano e exercício pleno de sua cidadania. Portanto, o Governo vem tentando aprimorar a educação através de algumas medidas, como por exemplo, projetos que incentivam professores a promoverem práticas de ensino inovadoras. Um desses projetos é o PIBID, que seleciona professores de nível médio e superior, como também estudantes de cursos de licenciatura, para elaborarem miniprojetos educacionais de caráter inovador a fim de colocá-los em prática em escolas públicas.

Logo, este trabalho é fruto de algumas reflexões advindas do subprojeto *Cultura, Literatura e Criatividade do Erudito ao Popular: CLIC*, elaborado a partir do referido programa de bolsas distribuídas no curso de Letras/Licenciatura em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba. O PIBID vem proporcionando a comunidade acadêmica uma oportunidade diferenciada para alunos que ainda na graduação possam alcançar uma autonomia em sala de aula e nas produções das aulas como um treinamento real e particular que promove também uma autoavaliação da profissão escolhida e de seus prós e contras que acarretam. Este programa consiste na junção da teoria aprendida na universidade, com a prática norteada e orientada com professores que acompanham esses mesmos alunos na graduação, tendo a oportunidade de aparar, moldar e incentivar para uma prática cada vez mais eficaz pela experiência que já tivemos com a teoria.

Também outro diferencial é o estímulo à inovação. Além de este programa proporcionar condições para que o acadêmico confronte a realidade escolar, o mesmo é desafiado a criar metodologias inovadoras a sua atuação, que já se construirão a partir da sua personalidade, individualidade e visão, com a finalidade de uma vivência em sala de aula, que imprima no acadêmico, uma forma de prática pessoal, como diferencial para sua formação como futuro professor.

2.5.1 Projeto CLIC: cultura, literatura e criatividade: do erudito ao popular

O projeto CLIC surge de uma vivência com os alunos na escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula que demonstravam desinteresse pela Literatura e dificuldades em entender sua função social para sua vida e formação. Diante disso, percebermos a necessidade de intervirmos pedagogicamente proporcionando uma atitude reflexiva e crítica da importância da literatura no processo de ensino aprendido para que o aluno desenvolva o gosto pela leitura e escrita. Então, o projeto CLIC está atuando há um ano

e meio com alunos do ensino médio na escola Raul Córdula através de aulas dinamizadas atreladas a práticas lúdicas, como manifestações artísticas, exibição de filmes, curtas, leitura dinâmica de romances, contos, crônicas, poemas, trabalhando de forma a provocar os alunos á uma reflexão e questionamentos para desenvolverem a prática de pensar sua realidade e como a educação pode transformá-la.

Denise Bragotto, (1994) doutora e poetisa, trabalha o desenvolvimento da criatividade dos alunos através da produção de poemas que motivam a imaginação, valorizando seus pensamentos e ideias, se aproxima do mundo do aluno, ao ponto de motivá-lo ao interesse por disciplinas que rotineiramente são consideradas chatas e difíceis.

De acordo com Bragotto (1994), quando se pretende desenvolver a criatividade é fundamental ir além do planejamento ou caminhar pelas entrelinhas dele, trabalhando a qualidade da experiência de aprendizagem, flexibilizando os planos de aula e possibilitando discutir temas pertinentes a realidade do aluno.

Este pensamento reflete nossa proposta com o projeto CLIC, que consiste em trabalhar a literatura de forma interdisciplinar, criando uma ponte entre a literatura popular que integra a cultura e o meio em que vive esse aluno com a literatura canônica para uma prática docente que desenvolva sua criatividade e o provoque a refletir seu espaço no mundo. Também, de acordo com Cosson (2006, p. 86) que propõe “a contextualização como movimento de ler a obra dentro do seu contexto, ou melhor, que o contexto da obra é aquilo que ela traz consigo, que a torna inteligível para mim enquanto leitor”, a leitura associada ao contexto reforça a sua compreensão e conseqüentemente o interesse do leitor. O projeto CLIC busca, através da leitura de textos não literários e literários, propiciar ao aluno uma experiência com a literatura atrativa e interligada a sua realidade e que o ensino de literatura o torne proficiente independente da época que ele esteja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse estudo “*O discurso de Preservação do meio ambiente e o ensino de língua portuguesa: Os gêneros publicitário e propaganda em sala de aula*” contextualizamos as propagandas e as publicidades suas intenções e especificidades, a partir do discurso e ensino de Língua Portuguesa na preservação ao meio ambiente e quanto isso tem refletido para uma postura e conscientização que provoque condições de práticas que favoreçam a natureza e o mundo que vivemos.

Por meio do ensino da língua, trabalhamos a importância de distinguir o que é discurso dentro da linguagem propagandista e publicitária e as funções da linguagem que mais o persuade a uma postura de preservação.

Quando olhamos para as aulas de Língua Portuguesa nos deparamos com os desafios que estudar a língua materna apresenta, pois compreender e produzir textos não se restringe ao trato verbal, mas a capacidade de conviver e interagir com diferentes modalidades de linguagem que cercam nosso cotidiano e que tanto atraem os nossos alunos, os influenciando e até os persuadindo, mas não os permitindo pensar e questionar os gêneros discursivos, os significados sociais e seus papéis representados por imagens construídas que se formam como um paradoxo, para uma real preocupação com o meio ambiente.

Ter a oportunidade de questionar e ao mesmo tempo se conscientizar desta importância começa a partir das capacidades comunicativas e discursivas que o ensino de Língua Portuguesa pode apresentar.

Desse modo, os alunos irão perceber que é através de uma prática de linguagem discursiva ou enunciativa que alguém exerce poder e que dominar essa linguagem os oferece a possibilidade de mudar a sua realidade.

O que mais nos surpreendeu foi ver em meio a muitas perguntas e respostas uma conscientização e posturas para com a preservação do meio ambiente que foram expostas, ao ponto de ouvir de uma aluna que confessou jogar lixo no chão, latas pela janela do ônibus e dizer que não irá fazer mais isso. A educação é transformadora e emancipadora da raça humana: eis o maior contributo de uma pesquisa-ação.

Possibilitar que o ensino de Língua Portuguesa analise o discurso do gênero publicitário e a propaganda de cunho ambiental através desta pesquisa-ação caracterizou em um despertar para motivação do ensino de língua em sala de aula, por alcançar satisfatoriamente os objetivos bem como: análises reflexivas, posicionamentos críticos, aguçar

a criatividade, discentes que perderam a timidez de falar em público e conquistar o interesse pela temática em voga.

Os Referencias Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (PARAÍBA, 2006, p. 22) “recomendam que a língua não deve ser tomada como um sistema fechado e imutável, mas como processo dinâmico, em que interlocutores atuam discursivamente sobre o outro”. E foi tomando esta recomendação que realizamos esta experiência acadêmica que acreditamos funcionar como o início de futuras investigações que promovam a interação entre discurso e ensino de língua.

REFERÊNCIAS:

- ALDRIGHI, V.; BENETI, E.; DIAS, S.; IMOBERDORF, M.; LONGO, W.; RIBEIRO, J. *Tudo que você queria saber sobre propaganda e ninguém teve paciência para explicar*. São Paulo: Atlas, 1985.
- ANTUNES, I. *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- ARAÚJO, D. L. Sequência didática: o que é como se faz? In: _____.; AMORIM, K. V. (Orgs.). *Revista Prática: de ensino de língua e literatura*. ano 1, v. 1, nº 1. Campina Grande: EDUFC G, 2006.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BRAGOTTO, D. *Programa experimental para o desenvolvimento da expressão poética em adolescentes*. Dissertação de mestrado. CVV – Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC Campinas, Brasil. 1994.
- BRASIL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério de Educação, 2006.
- _____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio - Conhecimentos de Língua Portuguesa*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: Ministério de Educação, 2000.
- COSTA VAL, M. G. Texto e Textualidade. In: _____. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 03-15.
- CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CARVALHO, N. *Publicidade: a linguagem da sedução*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CIPRIANO, C. L.; PASSOS, E. S. *Introdução á filosofia: aprendendo a pensar*. São Paulo: Cortez, 2004.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

- DIAS, L. F. (Org.). *Texto, escrita, interpretação: ensino e pesquisa*. João Pessoa: Ideia, 2001.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J. *et al. Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.
- FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos - SP: Claraluz, 2008.
- GADE, C. *Psicologia do consumidor*. São Paulo: EPU, 1980.
- GARCIA, C. M. *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Portugal: Porto, 1999.
- GRACIOSO, F. *Propaganda: engorda e faz crescer a pequena empresa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- HANAUER, J. M. Sexo seguro/voto seguros: a questão do sentido. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. *Os múltiplos territórios da Análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999, p. 138-148.
- LOPES-ROSSI, M. A. G. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: ACIR, M.; KARWOSKI, B.; GAYDECZKA, K. S. B. (Orgs). *Gêneros textuais: reflexão e ensino*. Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- OLIVEIRA, M. A. *Na imortalidade da fábula: o mesmo e o novo como jogos de verdade*, João Pessoa: Tese de Doutorado, UFPB/PB, 2005.
- ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas - SP: Pontes, 2008.
- PARAÍBA. *Referenciais Curriculares para o ensino médio da Paraíba: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Coordenadoria de Ensino Médio. Girleard Medeiros de Almeida Monteiro (Coordenadoria Geral) João Pessoa: 2006.
- PECHEUX, M. *O discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. Campinas - SP. Pontes, 2009.
- PRESTES, M. L. M. A leitura, a escrita e a reescrita. In: _____. *Leitura e (re)escritura de textos: subsídios teóricos e práticos para o seu ensino*. 4. ed. rer. e corr. Catanduva - SP: Rêspel, 2001.

POSSENTI, Sírio. *Sobre a leitura: o que diz a análise do discurso?* In.: MARILDES, Marinho (org). *Ler e navegar*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

RODRIGUES, T. S. S. *A percepção da propaganda televisiva nos consumidores surdos a partir das análises das campanhas Natura Todo Dia e Guaraná Kuat: um estudo de caso realizado com alunos surdos da EDAC*. Campina Grande, 2010.

SANT'ANNA, A. *Propaganda, teoria, técnica e prática*. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

TOMÉ, F. M. *A representação da imagem feminina como objeto de consumo nas propagandas de cerveja*. Campina Grande, 2012.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática: ensino plural*. São Paulo: Cortez, 2009.

VESTERGAARD, T.; SCHRODER, K. *A linguagem da propaganda*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ANEXOS

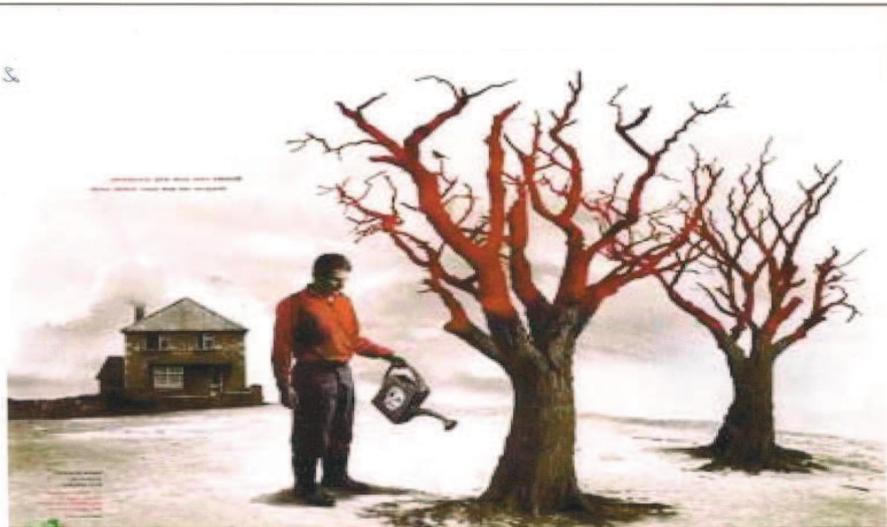
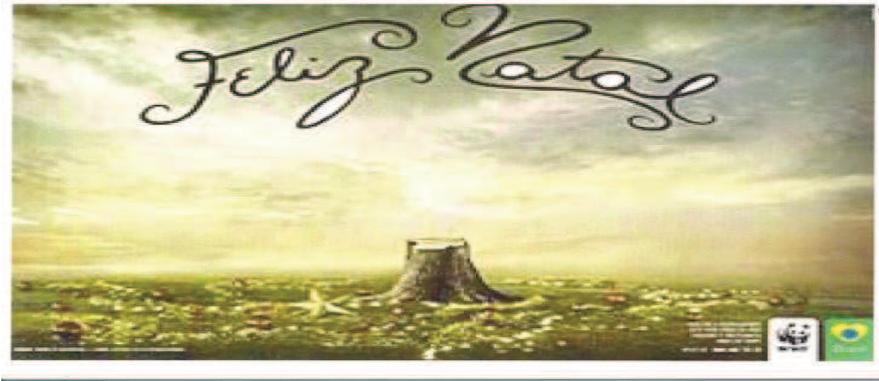
PUBLICIDADES E PROPAGANDAS¹

Publicidades



¹ Todas as publicidades e propagandas estão disponíveis em www.google.com.br/imagens.

Propagandas



12

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA
CURSO DE LETRAS

NOME:	Taina Martins Ferreira
IDADE:	17
ANO:	3º grau
DATA:	09/07/13
ESCOLA:	E.E.F.M. Prof. Raul cordula

1. Leia os textos e responda:

TEXTO 1



TEXTO 2



- A) Você concorda com o texto 2? Por quê? *no mesmo*
- B) Que função da linguagem te chama atenção nos textos?
- C) No texto 2, qual a intenção que o anunciante deseja provocar no leitor?
- D) Em sua opinião, que discurso o texto 1 transmite?
- E) Depois de ter lido esses anúncios, o que você fará de diferente?

*no
mesmo
modo*

RESPOSTAS - ALUNA TAINÁ

2. Sim, porque se realmente fosse uma árvore a maioria dos países nem notariam e muitos menos ligariam pois como são os próprios que destroem o homem que é o culpado.

3. Emotiva, imperativa, petição, apelativa

4. Mostro que por o que ele colocou algo diferente do mundo por ele e ele e notou já uma coisa diferente normal.

5. Acho que ele diz que se eu comparei que esse estado preservando o meio ambiente, ele quer me convencer a compare

6. Acho eu entendi o quanto podemos pensar e ver quanto a natureza está sendo prejudicada e os danos que podemos o quanto estamos degradando o nosso meio ambiente.

TEXTO –ALUNA ELIZABETH

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
 DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA
 CURSO DE LETRAS

NOME:	Elizabeth Albino de Sousa
IDADE:	17
ANO:	3 ^o ano "D"
DATA:	09/07/13
ESCOLA:	Raul Cordeiro

1. Leia os textos e responda:

TEXTO 1



TEXTO 2



- A) Você concorda com o texto 2? Por quê?
 B) Que função da linguagem te chama atenção nos textos?
 C) No texto 2, qual a intenção que o anunciante deseja provocar no leitor?
 D) Em sua opinião, que discurso o texto 1 transmite?
 E) Depois de ter lido esses anúncios, o que você fará de diferente?

RESPOSTA-ALUNA ELIZABETH

- a) Sim, pois se fosse uma árvore ninguém prestaria atenção, mas como é uma planta todo mundo olha.
- b) Função emotiva, apelativa e poética.
- c) Ele deseja chamar a atenção para a preservação da natureza.
- d) Ele fala sobre sobre o carro, apontando que ele é ecologicamente correto.
- e) Tentarei prestar mais atenção nos questões de preservação da natureza, fazendo de minha parte como cidadã consciente.

TEXTO ALUNA ARIEL

412

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA
CURSO DE LETRAS

NOME:	Ariel Pereira da Valle Silva
IDADE:	17
ANO:	3ºD
DATA:	09/09/13
ESCOLA:	Raul Górdulo

1. Leia os textos e responda:

TEXTO 1



TEXTO 2



- A) Você concorda com o texto 2? Por quê? *Concordo, porque ele apelo para a*
- B) Que função da linguagem te chama atenção nos textos? *preservação*
A apelativa
- C) No texto 2, qual a intenção que o anunciante deseja provocar no leitor?
A de preservar
- D) Em sua opinião, que discurso o texto 1 transmite?
- E) Depois de ter lido esses anúncios, o que você fará de diferente?
preservar e prestar mais atenção em comerciais e anúncios

DISCURSO ALUNA MARCIANA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA
CURSO DE LETRAS

NOME:	Marciana da Silva Barbosa	
IDADE:	18 Anos	
ANO:	3º Ano (médio)	2013
DATA:	09.07.2013	
ESCOLA:	E.E.E.F. médio Professor Raul Cecuda	

PENSE E RESPONDA:

- Quando você pensa sobre o que é DISCURSO, o que vem a tua mente? Exponha sua opinião.

Discurso é uma entre várias formas, que se tem para expor as suas propostas, ideias e pensamentos seja ele para presidente, vereadores, alunos, e etc. Por isso eles utilizam deste meio para tentar convencer o ouvinte as suas ideias e propostas.

DISCURSO-THALES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA
CURSO DE LETRAS

NOME:	THALES PEREIRA SILVA
IDADE:	16 ANOS
ANO:	3º ANO
DATA:	09/07/13
ESCOLA:	RAVE CORDULA

PENSE E RESPONDA:

- Quando você pensa sobre o que é **DISCURSO**, o que vem a tua mente? Exponha sua opinião.

A EU ACHO QUE O DISCURSO É ALGO QUE ALGUÉM TENTA MOSTRAR O UAI FALAR, COM VERSE ALGUÉM A ALGO. A VÁRIOS TIPOS DE DISCURSO POLITICO, PROPAGANDA, E TAMBÉM DEFENDER ALGUMA TESE."

